

AXIS VERTENTES

Ano III · Edição V
DEZEMBRO / 2020



*Fratelli Tutti – A carta do Papa
Francisco para todos os povos*

*Economia e
desvitalização*

*Organizações eclesiais:
novos paradigmas*

ESPERAMOS POR VOCÊ!

#JuntosSomosMais

Presente junto às **entidades eclesiais** por **20 anos**, o **AXIS INSTITUTO** tem desenvolvido inúmeros trabalhos nas áreas de **Educação, Saúde, Assistência e Promoção Social**, com ética e compromisso com a **Vida Religiosa Consagrada**.
Nossa caminhada é pautada pela **retidão, competência, seriedade** e por sua **partilha**.

Acompanhe e compartilhe o AXIS nas redes sociais!



SOMOS AXIS:



Editorial

O AXIS Instituto, através de mais uma edição de sua revista 'VERTENTES', procura oferecer, nos artigos aqui expostos, uma visão ampla de algumas situações globais e que, por serem macro, afetam a todos.

Dois dos artigos trazem as valiosas ideias e contribuições do Papa Francisco: uma síntese da *Fratelli Tutti* em que, a partir de uma clara e contextualizada visão da degradação em todas as esferas o Papa, de forma esperançosa e estimulante, mostra pistas e/ou caminhos para um desenvolvimento social e convivência justos, fraternos e igualitários, com vistas a melhorias para os mais pobres e socialmente excluídos, nas diversas periferias existenciais 'humanas'; em outro artigo, uma síntese de três pontos de seu pontificado: a economia de Francisco, o pacto educativo global e a *Laudato Si'*. São 'produções' em tempos diferentes de Francisco, porém, interligadas no tempo, espaço e nos potenciais e necessários encaminhamentos.

Os(as) leitores(as) poderão também mergulhar na beleza e nas vicissitudes da Amazônia, com ideias que fazem interface com o sínodo da Amazônia, em artigo que aponta caminhos e exemplos do que deveria e poderia ser feito para uma vida saudável, sustentável e socialmente justa para os povos, ambiente e atores diversos da região.

Outro artigo desenvolve o conceito da relação entre 'economia e desvitalização', demonstrando como o pensamento econômico "suga", de forma inexorável e voraz, a essência vital dos seres vivos.

A revista traz um tema do momento, para o Brasil, que é o pagamento instantâneo (PIX). A sigla não remete a nenhum termo específico, mas sim a conceitos como tecnologia, transação e *pixel*.

Poderá ser vista também nessa edição, a complexa relação entre os planos de saúde e os seus segurados; os tipos de planos presentes no mercado e qual deles apresenta as melhores condições à vida religiosa e do clero, notadamente quanto aos custos, muitas vezes abusivos, por parte das operadoras.

Fecha esta edição um belíssimo artigo sobre imagens, arte e vida, que busca contribuir para que, eventualmente, possamos perceber, com maior nitidez, as sombras e luzes de um mundo belo, porém maculado pelas mazelas humanas; com a arte, há a esperança, para além do declínio exposto pelos espelhos diversos, de um mundo e de uma sociedade capazes de mudar e de se transformarem.

Esperamos que tenham uma instigante e provocante leitura!



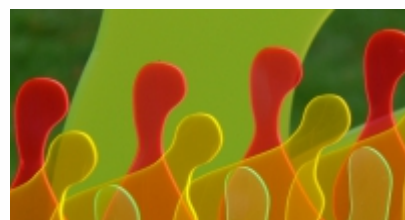
Sumário



- 06** O Magistério do Papa Francisco em três sintéticos pontos: a casa comum, o pacto educativo global e uma nova economia
Por Adilson Souza, Me



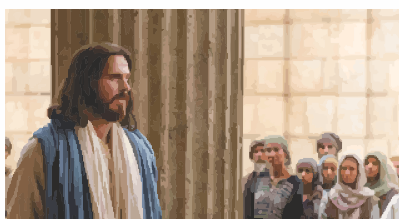
- 14** PIX – nova tecnologia de pagamentos e transferência eletrônica de recursos
Por William Moreno Emediato



- 18** Organizações Eclesiais: novos paradigmas
Por Dom Edson Oriolo, Me



- 24** Economia e desvitalização
Por Sebastião V. Castro, Dr



- 38** A evolução da liderança na história da humanidade e sua utilização como mecanismo estratégico nas organizações
Por Pe. Zilmo Jota dos Santos



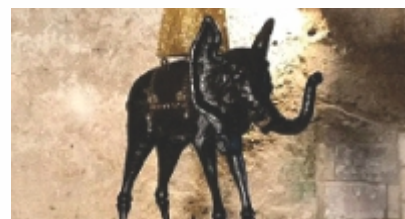
- 46** Amazônia
Terra Santa
Terra “querida”
Por João Custodio de Barros Filho



- 54** Planos de saúde empresariais: entenda os perigos deste tipo de contratação
Por Regina Ribeiro, Me



- 62** *Fratelli Tutti* – A carta do Papa Francisco para todos os povos
Por Adilson Souza, Me



- 74** A traição das imagens
Por Orietta Borgia, Dra

Expediente

DIRETORIA

Árison Silva, Márcio Moreira, Sebastião Castro, Renato Batitucci

SUPERINTENDÊNCIA

Adilson Souza

MARKETING E COMUNICAÇÃO

Karina Albergaria

CONSELHO EDITORIAL

Sebastião Castro, Árison Silva, Márcio Moreira, Renato Batitucci, Adilson Souza, Karina Albergaria

REVISÃO ORTOGRÁFICA:

Sebastião V. Castro, Dr., Karina Albergaria

PROJETO GRÁFICO

Equipe de Comunicação Axis (Marcos Antonio Ramiro)

FOTO DE CAPA

Imagem de Joseph Redfield Nino por Pixabay

FOTOS

Arquivo Axis Instituto, Pixabay e Unsplash

TIRAGEM: Edição exclusivamente *online*

PARA ANUNCIAR

comunicacao@axisinstituto.com.br | (31) 3284-6480

Siga-nos nas redes sociais:



@axisinstituto



AxisInstituto



grupoaxisinstituto

**As opiniões expressas nos artigos não são, necessariamente, as opiniões do Axis Instituto.*



AMAZÔNIA

TERRA SANTA – TERRA “QUERIDA”¹

Por João Custodio de Barros Filho²

Introdução

Produza a terra plantas, ervas que contenham semente e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie e o fruto contenha a sua semente. E assim foi feito. A terra produziu plantas, ervas que contêm semente segundo a sua espécie, e árvores que produzem fruto segundo a sua espécie, contendo o fruto a sua semente. E Deus viu que isso era bom."

Gênesis 1:11-12

Este foi o sonho de Deus para a Terra e continua hoje nos Sonhos do Santo Padre para a Amazônia e seu povo: que a justiça social seja revelada e respeitada por aqueles que detêm o poder; que a história de calamidade ambiental e exploração humana tenham fim, através de um pacto de toda a humanidade pela conservação e sustentabilidade deste bioma tão importante para o nosso planeta.

¹ - Termo utilizado pelo Papa Francisco ao se referir à Amazônia no documento pós Sínodo.

² - Psicólogo, professor e consultor do Axis Instituto.

Este artigo pretende propor discussão, debate sincero e virtuoso sobre a Amazônia, a floresta, seus recursos e, prioritariamente, o seu povo e todas as implicações desta intrínseca relação, tendo como referência, o texto:
“EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL QUERIDA AMAZONIA”,
do Santo Padre Papa Francisco.

Minha vivência com a Amazônia

Convivi, durante anos, com a triste realidade da exploração descomedida da Amazônia, especificamente nos Estados do Pará, Maranhão e Amapá. Convivi com a luta pela preservação do meio ambiente, os embates entre grandes empresários mineradores, latifundiários e industriais com os índios, povos ribeirinhos e caboclos. Com o poder econômico, esses empresários inescrupulosos eram tratados como verdadeiros soberanos naquela terra sagrada que, durante séculos, tem abrigado seres humanos, animais e as plantas, numa convivência natural e magnífica. Esses donos do capital visavam à implantação de grandes projetos industriais, minerações e carvoarias, para alimentar altos fornos de siderurgia; e, ainda, fazendas com monocultura de eucalipto (chamar isso de “reflorestamento” é uma agressão à inteligência!), projetos agropecuários, agricultura extensiva, etc.; tudo isso, é claro, ocasionando rios assoreados, barragens com rejeito de minério de ferro e de outros minerais, poluição ambiental, desmatamento, expulsão de povos ribeirinhos e agricultores locais; e, mais ainda, com outros efeitos “colaterais”, já que a partir de trabalho degradante e em condições

análogas à escravidão; e, talvez ainda pior, a falsa impressão de progresso, pois a maior parte dos patrões (como são chamados na região) são do sudeste! As implicações, para a região, eram e são a queda da qualidade de vida da população nativa, poluição atmosférica (pelas queimadas), extinção de espécimes nativas na fauna e flora, aumento da criminalidade, prostituição e exploração sexual infantil, uma vez que há um movimento migratório sem planejamento para toda a região, com a falsa promessa do “Eldorado da Amazônia”.

A infraestrutura na região é insuficiente para receber tanta gente, faltando educação, saúde e segurança; os povos indígenas são expulsos de sua terra natal, pois são deslocados para reservas sob a tutela do Estado nas quais, na verdade, só ficam as crianças, as mulheres e os idosos; os homens, em sua maioria, vão para as periferias das cidades como indigentes ou para a marginalidade; e, por último, a morte de crianças e jovens por causa da violência na região! Enfim, se não houver uma mudança de paradigma por parte deste “governo” (o que, convenhamos, parece difícil!) e dos futuros, as próximas gerações viverão momentos piores que os que vivenciamos hoje.

Sobre tudo isso o Sínodo da Amazônia discorreu com profundidade, no ano de 2019, resultando num debate que vem fornecendo um farto material para as diretrizes que a Igreja e o povo de Deus seguirão nos próximos tempos.

A Região Amazônica

A Floresta Amazônica há séculos atrai todo tipo de gente: exploradores, colonizadores, homens em busca de novas terras, novos horizontes, novos destinos em suas vidas.

Mas a floresta, com toda a sua exuberância, nunca foi tratada como deveria; a visão humana, na maioria das vezes, tem a terra como fornecedora eterna de matéria prima para sua subsistência, e o que faz parte dela: rios, florestas, despenhadeiros, o clima, as montanhas e, principalmente, os povos nativos; tudo e todos são meramente objetos ou algo também a ser usado, visando atender às premissas exploratórias do invasor.

O Brasil criou um *modus operandi* neste tipo de colonização, haja vista a Mata Atlântica que, desde o início do “descobrimento”, ocupava grande parte do território brasileiro e hoje está restrita a alguns minguados parques chamados “ecológicos”, Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPN), fazendas, etc, com fauna e flora em processo de extinção; uma floresta magnífica, exuberante, e que nunca teve o merecido respeito por parte dos exploradores e muito menos dos governantes (e da própria população).

Vínhamos de uma triste história recente, da época da Ditadura, de incentivo à migração e ocupação das terras amazônicas, inclusive com a construção da famigerada Transamazônica, que até hoje não foi concluída e que ceifou inúmeras vidas de trabalhadores, indígenas e tantos outros, desmatou milhares de hectares de florestas, destruiu aldeias inteiras, culturas milenares, forçou a migração dos nativos e, muitas vezes, saindo do nada para chegar a lugar nenhum; com o lema “terra sem homens para homens sem terra” esse empreendimento incentivou indiretamente a indústria ilegal de exploração de madeiras nativas, a grilagem de terras, a matança desenfreada dos colonos e a implantação de lugarejos que, depois, se transformaram em povoados



e depois cidades, com um triste histórico de exploração da floresta para fins populistas, sem planejamento e sem um projeto alicerçado nas necessidades regionais. Esse foi mais um dos inúmeros projetos faraônicos do governo militar visando o desenvolvimento a qualquer custo, aumentando a dívida externa e, como é notório, sendo mais uma fonte de desvio de recursos públicos, tornando-se uma “herança maldita” para a floresta amazônica e o povo brasileiro, principalmente os menos favorecidos.³

Novos ares?

A partir do início da década de 90 uma nova geração surgia, com um apelo ecológico muito forte; aqui no Brasil a democracia ainda engatinhava (eu penso que até hoje!); a mídia começava a surfar na onda ecológica. A onda conservacionista, eu acredito, se fortaleceu com

3 - Pedro Henrique Campos: “Estranhas Catedrais: As empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar, 1964, 1988)” (Eduff).



a Eco-92, que veio colocar em discussão exatamente isso, como o mundo tratava o meio ambiente e tudo à sua volta.

Ao mesmo tempo, fomentava-se a expansão da fronteira agrícola, com a implantação de fazendas com larga produção de grãos e cereais e com a criação, em grande escala, de gado de corte. Para que esses projetos fossem implantados a selva, na visão dos “empreendedores”, teria que ser substituída por campos de plantação e pastos, devastando milhares de hectares de florestas, acabando com mananciais, expulsando os povos nativos e sua cultura... afinal, o Brasil batia recordes de produção agrícola⁴, tendo se transformado, atualmente, no maior exportador de carne bovina do planeta⁵, mais uma vez sem um planejamento em suas bases; e, para cada Ministério, era nomeado um político que servia aos interesses do partido do governo

e dos latifundiários e não um técnico que iria trabalhar de acordo com as necessidades não só da elite, mas também das populações locais e de sua região.

Não podemos deixar de citar os projetos de mineração que, historicamente, formaram a base de desenvolvimento e da riqueza produzida no Brasil colonial.

A exploração mineral por si só é uma atividade que degrada, e muito, o meio ambiente e sem uma premissa de exploração sustentável, a floresta e tudo à sua volta tornam-se irrelevantes frente à ganância dos grandes mineradores.

Tomando como exemplo o minério de ferro, a exploração é feita a céu aberto por meio de explosões que destroem a montanha, em busca do mineral; este, depois de beneficiado, se transformará no minério utilizado para produção de aço usado, na maior parte das indústrias, para a produção de automóveis, eletrodomésticos, aviões, enfim, quase tudo que a sociedade utiliza no dia a dia.

O custo ambiental é terrível, pois para se produzir minério montanhas inteiras e todo o seu ecossistema são destruídos; usa-se muita água para a lavagem do minério, o que gera rejeitos que são armazenados em barragens com o chamado estéril que é o que sobra do processo minerador, muitas das vezes desviando cursos d'água para este fim, poluindo as águas e dizimando populações inteiras de peixes (e milhares de outros organismos) e acabando com a vida naquele rio.

Para isso tudo, extensas áreas são desmatadas, com a exploração mineral gerando trânsito intenso de caminhões, máquinas e equipamentos pesados, canteiros de obras com centenas e até milhares de trabalhadores; esses, são migrantes de todas as partes do país em busca de trabalho, uma vez que na região amazônica não há mão de obra qualificada; trazem,

4 - José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho: Expansão da fronteira agropecuária brasileira: desafios estruturais logísticos - boletim regional, urbano e ambiental - 12 jul/dez 2015 IPEA

5 - ABIEC – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne: <https://www.abracomex.or/exportação de carne mundial>

para aquele lugar que antes era uma floresta com todo seu esplendor, uma série de problemas sociais e ambientais, e a riqueza produzida é levada para bem longe.

Em torno deste sonho desenvolvimentista gravitam a exploração das terras, a degradação ambiental, o fim da floresta e de sua fauna e flora; também “sobram”, ainda, pessoas de outras regiões, sem vínculo com aquela terra - pois estão ali só para trabalhar -, sem identidade local, sem raízes, ajudando de forma indireta a fomentar a fome e a miséria, uma vez que a riqueza está nas mãos dos poucos que, na maioria das vezes, nem são de lá; vivem em suas mansões e ou condomínios protegidos nas cidades grandes do sudeste. Não se verifica um planejamento de implantação de projetos industriais com aproveitamento da mão de obra local, dos recursos minerais disponíveis de forma sustentável e valorizando a vocação regional; não se pensa até mesmo a verticalização dos processos, pois a extração mineral por si só não traz desenvolvimento; um projeto bem desenhado e feito com a participação de todos os envolvidos, principalmente na sua base, o povo, tendo representatividade, poderia desenvolver toda a região não só com a simples exploração de matéria prima; com a verticalização trabalhar-se-ia toda a cadeia produtiva, culminando num produto acabado que pode ser até mesmo exportado, gerando divisas e desenvolvimento para a região e para o país; uma verticalização bem pensada teria como premissa a preservação e o desenvolvimento social das comunidades inseridas, através de projetos de alfabetização, de formação de mão de obra qualificada, etc, gerando justiça social, progresso e preservação da floresta.

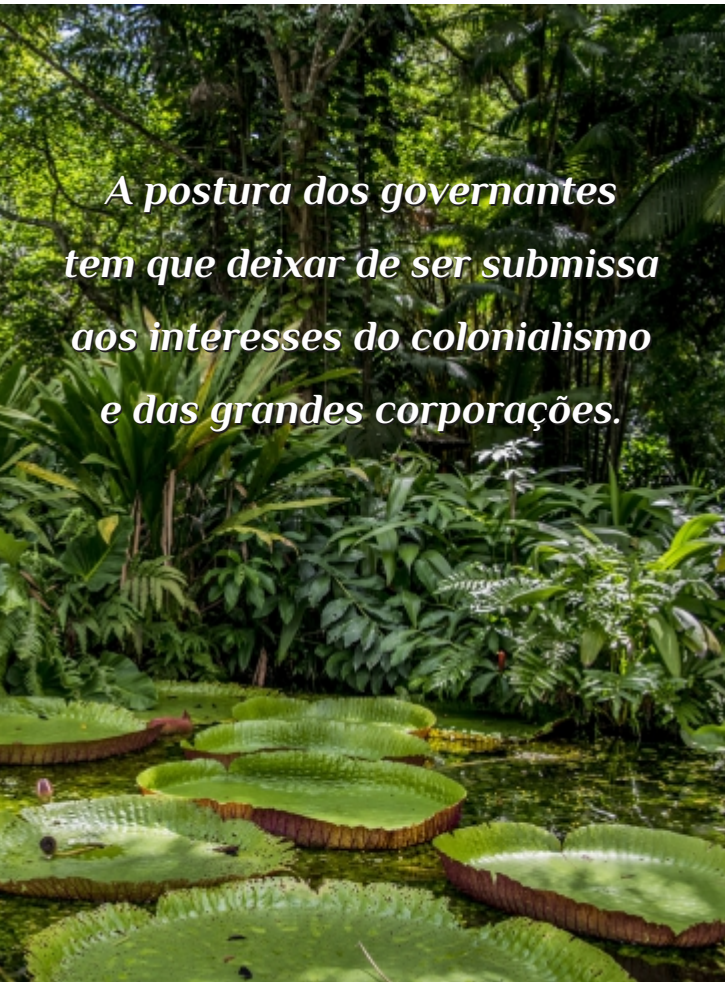
Mas a realidade, na maioria das vezes, é outra; para não dizer que não se preocupam com o povo da região e com a floresta, esses “empresários” contribuem com projetos nas prefeituras, pequenos parques ecológicos, convênios com escolas, comunidades; enfim, para quem não tinha nada, pouco é muito mas, no fim das contas, a floresta e o povo, os protagonistas da região, ficam com as migalhas que caem das mesas dos poderosos.



Mudança de paradigma

Este ciclo tem e deve ser quebrado! O Santo Padre Francisco, no Sínodo da Amazônia, em sua “Exortação Apostólica Pós-Sinodal – Querida Amazônia, Ao Povo de Deus”, de forma desafiadora e profética, clama ao mundo que dê um basta à exploração desmedida dos recursos minerais, da madeira, da terra e do povo; exploração que gera a pobreza extrema, degradação ambiental, mudanças climáticas que alteram o clima mundial, poluição e tantos males. O Papa está mudando o foco, pois a Floresta não é só brasileira, não pode ser tratada como uma *commodity* que pertence a este ou aquele investidor. A Floresta Amazônica é um bem maior: ela pertence a toda a humanidade! Já está provado que alterações no ecossistema da floresta atingem todo o planeta⁶. Quando mudamos a forma de olhar mudamos a forma de tratar, de nos relacionarmos, de conviver, de receber e de acolher.

6 - A Floresta Amazônica e as Mudanças Climáticas Produzido. The COMET ® Programa em parceria com NEEF e IPAM.
<http://ufrr/mepa/phocadownload/floresta/amazonica/e/as/mudancas/climaticas.pdf> 27.08.2019



*A postura dos governantes
tem que deixar de ser submissa
aos interesses do colonialismo
e das grandes corporações.*

Não podemos fechar os olhos para o que acontece no norte do Brasil; a Amazônia é ali! A pandemia do coronavírus nos mostrou isso de forma insofismável. O Papa nos fala de um “sonho social” um empenho de todos em prol dos mais pobres, como nos ensinou São Francisco de Assis, mas não de forma assistencialista; uma união de esforços para resgatar os pobres, para impedir a exploração sem limites da floresta, para estancar a invasão das terras indígenas para fins exploratórios, para impedir o massacre dos povos ribeirinhos, para parar a exploração da mão de obra, a prostituição infantil, para reduzir a falta de saneamento básico, de moradia digna, de educação, de segurança; enfim, um pacto para garantir o direito à preservação da vida que foi, de forma aviltante, retirado do povo amazônico.

Um exemplo desta postura cristã e social, eu acompa-

nhei de perto: foi Dom Giuseppe Foralosso, religioso italiano, da Congregação Salesiana e Bispo diocesano de Marabá, falecido em 2012; esse homem de Deus, com seu jeito simples e bondoso, acompanhava seu rebanho nas comunidades ribeirinhas de todo o sudeste do Pará, em Serra Pelada, nos conflitos agrários em Curionópolis, Eldorado dos Carajás, muitas vezes arriscando sua vida pelos mais pobres, pela floresta, enfim, pelo povo sofrido da região.

Não se pode falar em desenvolvimento sustentável sem colocar o homem como protagonista deste processo, mas não o homem detentor do capital e sim aquele que construiu a história daquela região, daquele que teve seus direitos ceifados pela mão do colonizador estrangeiro e, depois, pelos governantes inescrupulosos e empresários gananciosos, ávidos pela riqueza que não lhes pertence.

O Sonho que o Santo Padre prega, é o sonho do Cristo que enxergamos em cada criança que se prostitui nas ruas, que está nos sinais, nas palafitas de Belém, Manaus, Macapá, que morrem sem assistência médica nos postos de saúde das periferias amazônicas ou em povoados ribeirinhos na floresta, que tem que viajar de barco muitas vezes dias e dias para ser atendido por um auxiliar de enfermagem; este povo, que muito mal sabe rabiscar seu nome, e que faz parte das estatísticas de analfabetos funcionais, da mortalidade infantil e da violência no campo.

Este sonho não precisa de grandes investimentos; precisa, sim, de um olhar cristão; basta verificar e aprender com os projetos para a floresta amazônica que deram e que dão resultado, como a Fundação Chico Mendes, no Acre; as Cooperativas de Açaí, de Belém; os plantadores de Babaçu e quebradeiras de Côco do Maranhão; os pescadores de Pirarucu, de Macapá; a exploração do Mogno, do Pará; enfim, temos inúmeros exemplos de convivência pacífica entre o homem e a floresta, com a dignidade humana sendo respeitada em seus direitos básicos e a fauna, a flora, os rios, enfim, todos convivendo de forma harmoniosa, em equilíbrio, como é o projeto de Deus para o Homem.

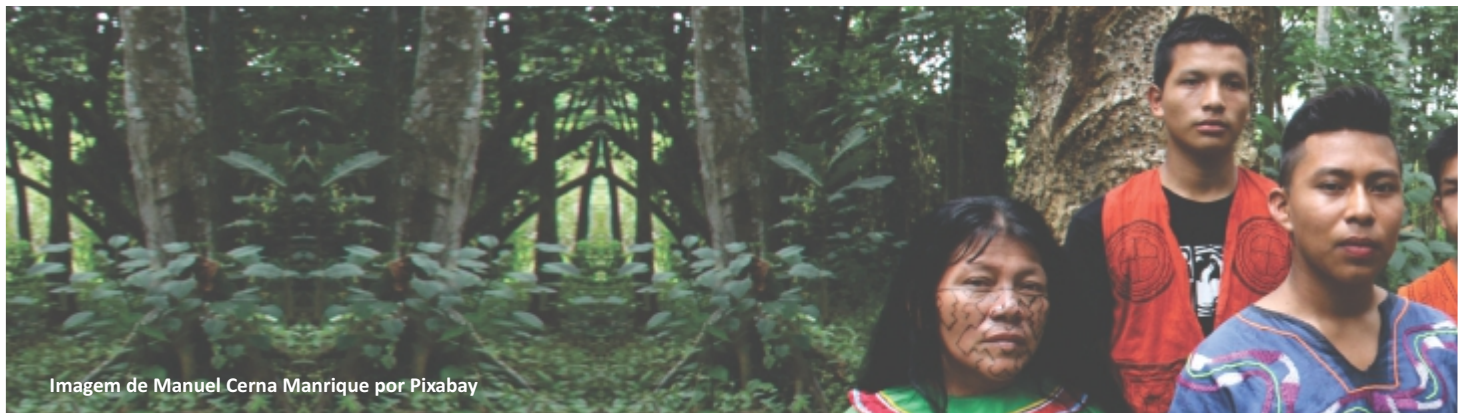


Imagem de Manuel Cerna Manrique por Pixabay

A economia globalizada é um fator que desestimula a integração social, pois está baseada na exploração econômica em bloco, sem respeitar as particularidades de cada povo e de sua região e que, na verdade, são suas preciosidades, sua cultura, sua identidade, seus princípios e valores que antecedem a existência desses modelos econômicos criados, única e exclusivamente, para o lucro insaciável.

O Santo Padre discorre sobre este assunto de forma belíssima no texto Pós Sinodal; cita a ameaça que a economia globalizada determina para os povos da Amazônia, como danifica a riqueza humana, social e cultural, resultando na desintegração das famílias, que é a instituição principal da manutenção e perpetuação dos valores do ser humano.

Em qualquer projeto para a Amazônia, é preciso assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento de um povo requer a participação integral desse mesmo povo, tendo como base seus costumes, seus hábitos e suas vivências. Esses povos nativos cresceram e se multiplicaram, em harmonia com o meio ambiente que os cerca; quando se altera ou degrada-se esse mesmo ambiente, os primeiros a sentir os efeitos são os habitantes locais, já que são parte intrínseca da floresta.

Os líderes, os governantes, os formadores de opinião, enfim toda a sociedade civil, devem entender, conhecer, disseminar e se comprometer com o respeito dos direitos dos povos e suas respectivas culturas, não impondo ou obrigando as pessoas a acatarem e

aceitarem as práticas, os costumes, enfim toda sorte de comportamentos e condutas que não sejam as suas, pois eles, os povos da floresta, são os maiores interessados no seu bem estar, em construir o seu futuro com paz e dignidade, tendo os seus direitos universais devidamente preservados.

O conceito de desenvolvimento está em constante mutação e hoje, mais do que nunca, é necessário que o protagonismo dos povos em relação ao futuro de sua terra, de sua floresta, seja respeitado; desde os tempos da colonização tiveram que se rebaixar e serem meros espectadores da ruína e da decadência de seus ancestrais e é essa mudança a que se refere o documento pós-sinodal.

Não se pode, em função de uma sociedade cada vez mais consumista, individualista, em que os relacionamentos são efêmeros e que tudo é produzido para não durar, incutir nos povos da Amazônia esse conceito que deteriora as famílias, as relações e a própria natureza; essa que, às vezes, é destruída por seus próprios filhos, que não se sentem mais filhos daquela terra, passando a ser apenas coadjuvantes, e onde o elenco principal são grandes corporações multinacionais que, com a falsa propaganda de um desenvolvimento sustentável, exploram mão de obra regional, roubam substratos, plantas medicinais, peixes ornamentais, traficam animais, levando-os à quase extinção, depredam, degradam, poluem e até mesmo matam, tudo isso para alimentar o mercado mundial, cada vez mais ávido de produtos e matéria prima.



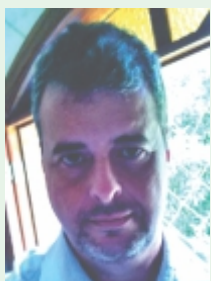
Considerações finais

Devemos seguir a premissa a que Francisco nos convida: viver o evangelho numa convivência ecumênica e Inter-religiosa, respeitando as crenças regionais, as diferenças individuais, para que possam todos se unir em prol desta terra abençoada que nos ensina que as pessoas são parte intrínseca da floresta e que não se pode separá-las como simples objetos a servir a uma sociedade vil e consumista.

Esta caminhada deve servir como instrumento de libertação dos povos da floresta e, ao mesmo tempo, como uma grande e talvez única oportunidade de todos se unirem por este povo que sofre; no final todos sofremos juntos; que sejamos servos enquanto

protagonistas do evangelho do Cristo, mas livres enquanto humanidade que respeita e preserva a floresta, seus povos, suas culturas, suas crenças e, essencialmente, sua terra.

Para finalizar, recordo-me do poeta manauara Thiago de Mello que, sobre suas experiências com os povos da floresta, diz ter tirado “os valores mais fundamentais, que perduram vivos e poderosos até hoje”. A “magia das águas” e da mata, o “dom da amizade”, a descoberta de que “a convivência humana podia ser solidária”. Mas também, na convivência “com as famílias pobres da beira do rio”, a descoberta da injustiça social, aprofundada mais tarde na capital do Estado, onde pôde compreender as razões pelas quais as iniquidades existem.⁷



João Custodio de Barros Filho

Psicólogo, professor, gestor de projetos empresariais e de instituições socioeducacionais, diretor da Fundação Vida em Marabá-PA e Consultor do Axis Instituto.

7 - Revista Eletrônica Mutações, jul-dez, 2017 “Poesia comprometida com a minha e a tua vida”: Thiago de Mello e a recepção de sua obra em Barreirinha, no Amazonas. file:///C:/Users/Barros/Downloads/3808-Texto%20do%20artigo-11726-1-10-20180220%20(2).pdf 27.08.2019